

PARADIGMAS, PARADOXOS E PARANÓIAS DA VIDA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Daniel Carvalho de Souza¹

carvalho.daniel07@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: ENGENHARIAS

PALAVRAS-CHAVE: Espaço social; Universidade.

INTRODUÇÃO

“Não está fácil para ninguém!” Não há nada incomum na frase supracitada. Para a maioria das pessoas que, por um acaso, tem a possibilidade de iniciar uma conversa casual em alguma ocasião que não possua um tom formal. Tal discurso pode, facilmente, ser encontrado na memória, no que seria uma transcrição dessas corriqueiras conversações. A vivência, no entanto, possui particularidades que variam tão inusitadamente quanto se possa contar indivíduos que partilham de espaços comuns e ambientes onde a civilidade e a democracia se mostram implícitos. Porém, quanto do espaço comum é construído de dinâmicas fora do controle da individualidade? Quando das atitudes são, de fato, uma ordem coletiva democraticamente assumida? Afinal, o que está sobre o controle consciente do raciocínio e das faculdades individuais? Qualquer estudo sociológico indicaria que uma sociedade possui precedentes assumidos pela comunidade e estes estão atrelados aos mais diversos fatores possíveis, podendo ser pelo credo comum, pelas experiências sociais vividas, pela imposição da maioria, ou mesmo das minorias (afinal as ditaduras não deixam negar tal possibilidade). Há, inclusive, padrões que estão tão arraigados nos conceitos, ou preconceitos, coletivos que, pelo decorrer do tempo e da funcionalidade observada, passam a florescer atitudes e prerrogativas amplamente difundidas e particularmente aceitas e difundidas nos núcleos comuns da sociedade (ARAÚJO, 2018). O campo da vivência social em questão, abordado neste, se situa nos âmbitos em que a individualidade tende a dar lugar ao comum, onde, historicamente, a moldagem dos padrões costumeiramente se sobressai e de diversas formas costuma ser aplaudido e recompensado. Esses espaços coletivos são os que exigem maior esforço de participação na convivência coletiva: o espaço acadêmico e o espaço profissional. Ambos espaços, acadêmico e profissional, possuem prerrogativas simples: as pessoas serão observadas na individualidade e recompensadas em atuar de acordo com os critérios que os moldes do todo seguem. Obviamente, existem várias correntes e pensamentos que não seguem a risca tais preceitos, onde a individualidade é notada e pretendida, porém, ainda no estudo dos conceitos abordados, sendo estes da paranoia, do paradoxo e do paradigma, a observação se estabelece no comum e no corriqueiro, sendo as particularidades, inclusive, formas de se enfrentar as situações acarretadas por estas tipologias sociológicas.

¹Graduado em Arquitetura e Urbanismo, pela UFOP, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Univertix, Especialista em estudo de Teologia Sistemática, pelo Andrew Jumper do Mackenzie, SP.

METODOLOGIA

O termo interacionismo simbólico surge em ideias inspiradas nas de G. H. Mead, considerado “pai fundador” dessa tradição, embora permaneça como uma referência remota (FRANÇA, 2007, p. 1). Em sua obra “Mind, self and Society” (Mente, eu e sociedade), Mead insere como ideia a ser futuramente abordada os três âmbitos indicativos de ponto de observação dos fenômenos urbanos, onde a mente, o eu e a sociedade são abordagens específicas do ato social, devendo ser as lentes de análise das situações sociais. O interacionismo simbólico usa como pressuposto básico e central, colocado de forma geral, o indivíduo e a sociedade são constituídos na reciprocidade, onde a possibilidade de que os sujeitos do coletivo social estabeleçam normativas e regras geradas a partir de conhecimentos coletivos. A etnometodologia, por sua vez, teve a sua primeira publicação em um livro de 1967, nomeado *Studies in Ethnomethodology* (Estudos sobre etnometodologia), escrito por Harold Garfinkel. Descrita por Coulon (1995, p. 7), onde essa corrente da sociologia americana, a etnometodologia é relevante pela ruptura social e na quebra das tradições sociológicas. Ainda pode ser observada na pesquisa empírica das metodologias utilizadas para dar sentido as atuações de grupos ou indivíduos no âmbito social, associando às atuações cotidianas, eruditas ou triviais devem ser sociologicamente consideradas como atividades práticas. Para Coulon (1995) há a variação de métodos de atuação social de “tribo” para “tribo”, o que pode ser descrito facilmente por um grupo parcialmente alheio ou vizinho ao grupo da observação, sendo marcas das instituições sociais locais. A etnometodologia vem então a ser o estudo dos etnométodos que os atores utilizam no dia-a-dia, que lhe permitem viver juntos, inclusive de maneira conflitiva, e que regem as relações sociais que eles mantêm entre si (COULON, 1995, p. 52). Os paradigmas, paradoxos e paranoias no âmbito social, neste caso, são observados como pesquisa analítica exploratória, onde o estudo não conta com amostras e sim com análise de materiais bibliográficos, com associação de casos fictícios e alegóricos para a explicação dos temas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ambiente da vida coletiva e da sociedade imediata exige que seus membros assumam certas dinâmicas proeminentes das mais derivadas bases estabelecidas previamente e que mantem, de certa forma, a constância das atuações individuais no meio coletivo comum. O indivíduo inserido em tal contexto passa a se organizar de acordo com essas premissas, porém, como observado a aceita imediata e desprovida da epistemologia coerente, torna o contexto de alienação plena ou parcial, ao passo que sem o questionamento das dinâmicas e do porque as coisas são como são, cria espaços e atos sociais delimitados com a criação de lendas, superstições e ideologias previamente denominadas, aceitas e difundidas. O indivíduo social, no entanto, não seria aquele que se despe de seus conceitos e suas ideias, em detrimento a própria análise contextual da situação de inserção, absorvendo o espaço de sua vida coletiva como o demarcador de caminhos e meios propensos para a existência comum. A submissão incontestada de metodologias de vida e de associação de padrões, submetendo os indivíduos as demandas coletivas, previamente pensadas ou apenas associadas, gera ambientes coletivos fechados e a busca da aceitação e do merecimento pode moldar o indivíduo de maneira subliminar, onde os caminhos epistêmicos fiquem polarizados de acordo com o conceito que viria de fora da mentalidade individual.

REFERÊNCIAS

- _____. 2018. **Dicionário Online de língua portuguesa. DICIO.** [Online] <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 18 set. 2018.
- ARAÚJO, C. A. A. A ciência da Informação como ciência social. [Online] **Scielo.** <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/1920.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.
- COULON, A. **Etnometodologia.** Petrópolis : Vozes, 1995.
- França, V. V. A escola de Chicago e o interacionismo simbólico. *In:* _____. **Curso básico de Teoria da Comunicação.** Belo Horizonte : UFMG, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.
- SABATIAN, Juliana Daher. **O que é Paradoxo.** Portal educação. [Online] Portal Educação. [Citado em: 18 de 03 de 2018.] <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/pedagogia/o-que-e-gradua/7631>.